

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

As implicações do trabalho nos frigoríficos para os Kaingang do Toldo Chimbangue

Míriam Rebeca Rodeguero Stefanuto

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Resumo: Este trabalho, derivado de uma pesquisa em nível de mestrado em andamento, dedica-se a investigar quais as implicações para os Kaingang do Toldo Chimbangue de sua recente inserção nas indústrias de produção de carne na região da cidade de Chapecó, Santa Catarina. O trabalho nos frigoríficos, que apresenta uma organização específica e que abate animais e produz carne em quantidades industriais, se contrapõe a diversas práticas e conhecimentos Kaingang no que diz respeito ao trabalho, aos animais e à alimentação. Grande parte dos moradores do Toldo Chimbangue se aproxima de alguma forma tanto do modo industrial de se abater animais e produzir carne quanto da caça e da criação, uma vez que a maioria da população já esteve ou continua empregada em algum frigorífico da região de Chapecó e que muitos mantêm criações – normalmente de suínos e aves – nas proximidades de casa, e que a caça vem sendo retomada aos poucos acompanhando a recuperação das florestas. Assim, a partir da pesquisa etnográfica e da contraposição desses elementos, pretende-se ampliar o conhecimento a respeito das aldeias que passaram a fornecer trabalhadores indígenas para estes frigoríficos.

Palavras-chave: Kaingang; frigoríficos; animais.

Os Kaingang representam, atualmente, mais de 37 mil indivíduos, o que os fazem o 3º povo indígena mais populoso no Brasil. Pertencem ao grupo linguístico Jê e ocupam territórios localizados no oeste paulista, centro-norte e oeste paranaenses, oeste catarinense – área a qual se refere este trabalho – e centro-norte do Rio Grande do Sul (NACKE et al, 2007). Em Santa Catarina, o Kaingang somam cerca de 6.543 pessoas que habitam cinco Terras Indígenas e

uma Reserva¹. A Terra Indígena Toldo Chibangue está localizada às margens dos rios Irani e Lajeado Lamedor, a uma distância de 18 km da cidade de Chapecó. Dentre as cinco Terras Indígenas, é a única totalmente regularizada, as demais apresentam alguma pendência no processo de demarcação.

Idealmente, os Kaingang têm seus grupos organizados por metades exogâmicas que se opõem e se complementam, denominadas *Kamé* e *Kairu*². Cada metade possui sua marca específica, evidenciada principalmente em pinturas corporais – traços para aqueles que são *Kamé*, e pontos para os que são *Kairu* – e relaciona-se ainda a um ponto cardinal específico – a metade *Kamé* se relaciona ao oeste e a *Kairu* ao Leste. Não somente os membros das comunidades são classificados através das duas metades, mas também a natureza é percebida através dessa perspectiva dualista (VEIGA, 1994).

Segundo o cacique do Toldo Chibangue, atualmente 560 Kaingang e 100 Guaranis³ habitam a Terra Indígena e uma quantidade expressiva desses moradores tem sido empregada nos frigoríficos da região de Chapecó/SC, o que foi bem expresso na fala de uma Kaingang, ao dizer que “é difícil encontrar aqui no Chibangue alguém que nunca trabalhou num frigorífico”. A inserção no mercado de trabalho através da indústria da carne traz para a Terra Indígena novas questões que se relacionam e se contrapõem com as práticas da aldeia, principalmente referentes à noção de trabalho, às relações com os animais e à alimentação.

A etnografia, ainda não finalizada, teve duração de dois meses e objetivou principalmente investigar os efeitos do trabalho nos frigoríficos na aldeia. Ocorreu através de conversas e entrevistas com os moradores do Toldo Chibangue que estavam trabalhando ou já haviam trabalhado nos frigoríficos da região de Chapecó, Santa Catarina. O ponto de partida foi a casa em que fiquei hospedada durante a pesquisa de campo, da família do cacique do Toldo Chibangue, cujos filhos mais velhos já haviam trabalhado em alguns frigoríficos e que foram aos poucos me sugerindo outras pessoas com as quais eu poderia conversar sobre o assunto. Além disso, mesmo aqueles não tinham tido contato com as indústrias de carne

¹ A reserva Indígena é a Aldeia Condá.

² Embora esta seja a distinção principal nos grupos Kaingang, segundo Veiga (1994) a metade *Kamé* teria ainda duas subdivisões – *Kamé* e *Wonhéty* –, assim como a metade *Kairu* – *Kairu* e *Votor*.

³ A comunidade Guarani vive no Toldo Chibangue temporariamente desde 2001 enquanto aguarda a demarcação de seu território, a Terra Indígena Araçá'i, localizada entre os municípios de Saudades e Cunha Porã, no extremo Oeste de Santa Catarina.

diretamente, ofereceram impressões e opiniões sobre pessoas próximas que trabalhavam e que foram de grande importância.

Quase todos os moradores do Chimbangue possuem algum espaço de cultivo próximo da residência, reservado normalmente ao milho e à mandioca, que servem tanto para suprir as demandas familiares de alimento quanto para comércio. As criações são principalmente de suínos e aves – galináceos –, com alguns bovinos para a produção de leite, também mantidas próximas à casa. Diversas vezes a proximidade entre as casas dos moradores – consequência da ocupação das residências dos antigos colonos que ocuparam as terras e da concentração de moradias ao longo da rodovia⁴ que corta a TI – aparece no discurso dos Kaingang mais velhos como empecilho para a criação de animais. Diante disso, os tempos passados são lembrados como ideias e melhores, na medida em que havia espaço suficiente para se criar animais. Apesar dessa queixa comum, a maioria dos Kaingang mantém pequenas criações. Normalmente, a agricultura e os suínos são responsabilidade masculina, enquanto os outros animais – bovinos e aves – dependem dos cuidados das mulheres. Quando não estão em horário de aula, as crianças acompanham os pais ou familiares mais próximos e vão adquirindo prática e autonomia na realização das atividades.

A caça na Terra Indígena vem sendo retomada com a progressiva recuperação das florestas e quase sempre envolve a ajuda de cachorros treinados para tal. Os animais mais caçados atualmente, segundo os relatos, são o quati e o tatu, sendo que a caça deste último precisa ser realizada à noite. As metades *Kamé* e *Kairu* que idealmente dividem a sociedade Kaingang se estendem também para a prática da caça. Os animais pertencentes a uma metade devem ser caçados por homens da metade oposta, pois a presa sente o cheiro daqueles que são do mesmo grupo que ela e foge; a carne obtida, da mesma forma, deve ser consumida também pela outra metade e nunca pelo próprio caçador (VEIGA, 1994). Pretende-se investigar tais aspectos referentes à cosmologia Kaingang mais profundamente e verificar a presença ou não de tais elementos entre os Kaingang do Chimbangue.

Assim como a caça, a pesca é uma atividade predominantemente masculina e, embora se saiba que os Kaingang costumavam pescar através da técnica do *Pari* – que consiste em uma armadilha colocada nas corredeiras dos rios, feita de taquaras, nas quais os peixes entram

⁴ Rodovia SC – 484, que liga Chapecó ao município de Paial.

e depois não conseguem sair – e que ainda o fazem em algumas aldeias (NACKE et al, 2007), no Toldo Chimbanguê se “pesca com linha e vara, ué”.

Segundo Tommasino (2004, p. 155), todo Kaingang possui um animal guia, ou *yangré*; um “espírito” animal que, segundo os relatos coletados por Veiga (1994, p. 156), “pode ser qualquer bichinho do mato”. No caso do *kuiã* ou *kujá* (xamã), ajuda a exercer o papel de curador na prática do xamanismo: os espíritos destes animais indicam onde encontrar as plantas certas para a cura de doenças e localizar as almas que se perderam do corpo do enfermo. No caso de um caçador, nunca este indivíduo pode caçar animais que são seu *yangré* ou ingerir sua carne, porque estaria comendo um parente. De fato, no Toldo Chimbanguê a mesma expressão que nomeia o animal guia é utilizada também para se referir ao cunhado de alguém, no entanto, os conhecimentos a respeito dos *yangré* são mais restritos ao xamã, conforme me informaram, e ainda não foram encontradas referências a estes animais pelos Kaingang que caçam.

Aqueles que não possuem nenhuma criação de animais, normalmente porque trabalham fora e não moram com familiares que possam realizar o serviço, costumam comprar a carne de quem cria, dentro da própria aldeia. Da mesma forma, embora a carne de caça não seja mais tão consumida, os que eventualmente querem comê-la, mas não caçam, também podem comprar de alguém que o faça. Os caçadores são sempre homens e seus consumidores quase sempre também, mesmo que ainda jovens.

As atividades agropecuárias não somente ocupam uma posição importante de produção de alimentos, como são consideradas expressões daquilo que é ser Kaingang atualmente. Diversas declarações de pessoas mais velhas acusam os jovens Kaingang de, ao abandonar o trabalho na roça e o cuidado dos animais e procurar um emprego formal, estar deixando de lado “as coisas de índio” e práticas que poderiam beneficiar os indígenas atraindo algum investimento ou parceria na venda de produtos agrícolas, segundo alguns Kaingang. Assim, o trabalho na terra e na própria aldeia é visto de maneira bastante positiva pelos indígenas, por não promover um afastamento do território e das atividades tradicionais, caso de empregos na cidade, como os nos frigoríficos.

Apesar de estarem fisicamente próximos da cidade e existir alguma facilidade de transporte, ela é, em certa medida, evitada, ainda que muitos se desloquem até Chapecó por motivos de trabalho. No Toldo Chimbanguê ocorrem diversas idas à cidade, mas elas se fazem

pouco necessárias diante do que é oferecido na própria Terra Indígena. O modo como se organizam principalmente os aspectos de compra de alimentos e mantimentos na aldeia, direto com ambulantes que vão até lá, mas também o fato de existir na Terra Indígena um Posto de Saúde e duas escolas – uma infantil e outra a partir do fundamental –, faz com que seja bastante difícil alguém que não trabalha na cidade precisar se deslocar até ela.

Embora se posicionem com certo afastamento em relação à cidade e ao que ela representa e oferece, cada vez mais os indígenas do Toldo Chimbangue têm se inserido na esfera urbana através de empregos e trabalhos na cidade de Chapecó. Dentre tais atividades, as indústrias de carne se destacam por ser um dos setores que mais contrata mão de obra indígena. O município de Chapecó é sede de unidades de três empresas do ramo alimentício, a saber, Seara, que é parte do grupo JBS; a Cooperativa Aurora Alimentos, e Sadia, esta última pertencente ao conglomerado brasileiro BRF, que surgiu através da fusão das empresas Sadia e Perdigão em 2011.

O trabalho nos frigoríficos apresenta uma organização específica, marcada pela fragmentação das atividades, que são executadas por trabalhadores sempre fixos e distribuídos ao longo de uma linha de produção de carne (VIALLES, 1994; DIAS, 2009). O setor de frigoríficos não raro é alvo de processos por descumprimento de normas trabalhistas, que envolvem questões como não permitir pausas durante o expediente e expor os trabalhadores ao frio excessivo das câmaras frias. Além disso, o trabalho em frigoríficos é considerado um dos mais desgastantes, com recordes de depressão e lesões entre os trabalhadores. Uma das características do setor que favorece o alto índice de enfermidades é a elevada carga de movimentos repetitivos, que tendem a causar lesões definitivas se realizados por um tempo considerável e que se agrava com a exposição a baixas temperaturas, comum nos frigoríficos (Repórter Brasil, 2012). Em Chapecó, os dados do INSS apontam que 20% dos seis mil funcionários locais que trabalham na BRF receberam benefícios previdenciários em razão de doenças ao longo de cinco anos, e que cerca de 80% do público atendido no INSS chapecoense é de trabalhadores de frigoríficos (Repórter Brasil, 2012).

Esse cenário não é desconhecido dos Kaingang do Chimbangue, seja por experiência própria ou não. Diversos problemas de saúde ou acidentes de trabalho foram relatados, mas muitas das pessoas não necessariamente puderam, ou quiseram, deixar de trabalhar por conta disso. O cacique, contrário ao trabalho nos frigoríficos, justifica seu posicionamento baseado

principalmente nessas consequências que afetam a saúde do trabalhador, dizendo que em poucos anos aqueles que trabalham nos frigoríficos estarão incapacitados para outras atividades, não vão “prestar pra fazer mais nada”, e só são recrutados por ser um trabalho que “ninguém mais quer”. Ao mesmo tempo, principalmente por serem as únicas empresas que atualmente oferecem transporte para aqueles que estão distantes do emprego, como é o caso de quem mora no Toldo Chimbangue, a contratação pelos frigoríficos é bastante comum entre os Kaingang.

O trabalho nos frigoríficos é, pois, percebido de maneira ambígua, às vezes como algo que traz o benefício do salário, mas normalmente é associado aos inúmeros problemas de saúde vividos pelos Kaingang, além de ser considerado como algo que afasta diariamente os indígenas da vida na aldeia e do trabalho na terra e que pouco ou nada acrescenta à Terra Indígena. Existem alguns Kaingang do Chimbangue que trabalham na sede da FUNAI em Chapecó, o que não é questionado da mesma maneira que se questiona o trabalho nos frigoríficos, talvez porque se trate de um órgão cuja proposta é justamente a de atender populações indígenas, o que faz que seja um emprego que voltado para a própria comunidade.

Outro exemplo que evidencia essa questão é de uma moradora do Chimbangue que trabalha como professora na escola Fen'nó⁵. Segundo ela, logo mais os moradores do Chimbangue poderão enfrentar problemas “dentro de casa” por conta da grande contratação de mulheres pelos frigoríficos, o que faz com que elas passem o dia fora e precisem delegar o cuidado dos filhos a parentes e amigos e não executem mais tão bem as tarefas domésticas e seu papel de mães. Quando eu a questioneei sobre seu próprio emprego como professora e sobre o fato de ela também ter filhos pequenos, ela justificou dizendo que não trabalha “na cidade, que é longe” e que, tendo um emprego como professora, contribui de maneira significativa com a comunidade, através da educação, o que não pode ser alegado por alguém que está empregado em algum frigorífico. De fato, a maioria das mulheres do Chimbangue com quem conversei teve ou têm sua primeira experiência de trabalho assalariado nos frigoríficos e algumas que eventualmente precisaram se afastar, lamentam a perda da independência financeira.

⁵ Escola Indígena de ensinos Fundamental e Médio que leva o nome de uma Kaingang que participou ativamente do processo de demarcação das terras do Toldo Chimbangue.

Trabalhar nos frigoríficos implica em tomar conhecimento de processos que envolvem a criação dos animais e a produção de carne, que são constantemente colocados em relação aos animais – e suas carnes – abatidos no Toldo Chimbangue. A carne dos frigoríficos é comumente considerada de baixa qualidade e artificial em relação à carne dos animais de criação e se distancia ainda mais da carne de caça, “mais forte” tanto em sabor quanto em capacidade de nutrir.

Segundo os Kaingang, os animais de criação tem um processo de engorda mais lento, “que é o tempo que ele leva pra engordar mesmo”, feito através de alimentos naturais, quase sempre sobras das refeições da residência da família a qual pertencem. Os animais abatidos em frigoríficos, do contrário, têm um processo de engorda mais acelerado e abastecido por rações, considerada um alimento “artificial”, o que resulta em uma carne “branca”, “aguada, que enche a boca da gente de água quando a gente mastiga”. Em seu trabalho, Oliveira (2009) encontra relatos semelhantes quando aborda as mudanças na alimentação entre os Kaingang na Terra Indígena Xaçepécó. Como o autor aponta, os mais velhos encaram as comidas compradas em supermercados como “mais fracas” que as comidas indígenas, estas “mais fortes”, obtidas por meio da caça ou do plantio sem o uso de agrotóxicos. Assim, os frigoríficos produzem outra carne que não a criada ou caçada na aldeia, feita a partir de outros tipos de animais, porque criados de outra maneira.

A carne de caça, embora seja mencionada como o alimento verdadeiramente Kaingang, não é apreciada por muitos paladares; as mulheres justificam que comeram muito peixe e muita caça durante a infância e que, por isso, “enjoaram” do gosto. Mesmo assim, afirmam que os mais velhos são mais saudáveis e atingem idade mais avançada porque durante toda a vida, e ainda hoje, se alimentam de “comida do mato”, que envolve não somente a carne de caça e as folhas colhidas na própria Terra Indígena, mas também uma comida mais simples e preparada como antigamente, sem gorduras ou sal. Os Kaingang de algumas outras Terras Indígenas que são considerados pelos próprios moradores do Toldo Chimbangue como “mais puros”, o são em parte porque “comem diferente, comem folha do mato” e se alimentam de “animais de verdade”, que seriam os de caça.

Outra razão apresentada para justificar a diminuição do consumo de caça, ainda que se afirme o aumento do número de animais e a progressiva recuperação das matas, é pelo fato dos animais silvestres que fornecem carne estarem sendo inseridos no discurso de preservação.

Conforme me informaram alguns Kaingang, normalmente já existe uma preocupação em não caçar filhotes, ou caçar em épocas de maior fragilidade da espécie etc. Para além disso, no entanto, algumas pessoas, novamente mulheres, alegam que têm “dó de matar esses bichinhos” e que eles precisam ser preservados assim como seu habitat. Por consequência, muitas vezes eles não são considerados “animais de comer”, ainda que sempre se faça referência ao seu consumo no passado.

De maneira semelhante, embora a carne dos animais criados seja sempre considerada de qualidade em relação à dos frigoríficos, às vezes esses animais são poupados do abate e têm sua carne trocada por uma de supermercado. Um bom exemplo é de uma moradora do Chimbanguê que cria muitas galinhas. Elas são alimentadas com o milho colhido na própria plantação e, mesmo que ele acabe, a dona alimenta os animais com arroz, “porque elas não podem ficar sem comer”. Quando ela joga o milho ou o arroz “fecha o chão de galinha que é uma coisa linda!”. Mesmo com um grande número de aves, a Kaingang se recusa a comê-las ou vende-las para alguém que queira fazê-lo, fica apenas com os ovos para fazer doces, mas continua com as galinhas porque “elas enfeitam o quintal”.

Ainda que se consuma carne de frigoríficos no Toldo Chimbanguê, o fato de ela ser produzida fora da aldeia e através de processos que colocam em dúvida sua qualidade faz com que seja preterida em relação principalmente às carnes dos animais criados. Além disso, o fato de ser um carne que é armazenada congelada, faz com que a carne fresca seja considerada mais saborosa, “um porco que abateu hoje é muito melhor que porco comprado”, conforme me disseram.

Tanto o modo como os animais são criados é visto com desconfiança, pois somente “os bichos que a gente cria a gente sabe de onde vem”, quanto o processo de produção de carne, uma vez que as carnes de frigoríficos são consideradas “tudo podre, a gente não sabe como fez, pode ter suor de quem mexeu, pedaço estragado, tudo...”. Aqueles que trabalham nos frigoríficos dizem que durante a produção nada se perde, e mesmo carnes consideradas impróprias para consumo, “podres” ou “estragadas”, de alguma forma se tornam produtos a serem consumidos, como mortadelas ou salsichas. Uma Kaingang que já trabalhou na Aurora, disse que não consome mortadela, porque conhece o processo de fabricação, que “serve pra juntar tudo o que sobrou, de ruim, e por na mortadela”. Conhecimento que, por se tratar de suínos, não a impede de consumir carne de aves, “aqui a gente só come frango, porque né, eu

não conheço os processos do frango, só vejo caminhão passando aqui carregado indo pro abate. Então da pra comer”.

Diante de um alimento considerado artificial e industrializado, da falta de higiene e outros dados apresentados pelas indústrias de carne aos Kaingang, os animais de caça e criação, bem como suas carnes, têm seu caráter reforçado enquanto algo natural e próximo de uma vida indígena mais tradicional. O processo que envolve a produção dos alimentos tanto dos Kaingang quanto dos animais – milho, mandioca –, bem como o cuidado com as criações, também se constitui enquanto uma característica dos indígenas e se opõe, em certa medida, àquilo que está envolvido quando se trabalha num frigorífico, um emprego que afasta o indígena da aldeia e de trabalhos na terra que são “coisas de índio”. Ao mesmo tempo, a carne dos frigoríficos às vezes aparece como uma saída para aqueles que não querem comer a carne de animais de caça, a fim de preservá-los em seu habitat já reduzido, ou a carne dos animais de criação quando os criadores eventualmente se afeiçoam aos animais ou quando estes passam a ter outros propósitos que não a alimentação.

Certamente não se pretende esgotar a problemática aqui abordada, mas contribuir para ampliar o conhecimento a respeito das Terras Indígenas que, muito recentemente, passaram a fornecer trabalhadores indígenas para os frigoríficos. Essa inserção no mercado de trabalho através da indústria da carne traz para a Terra Indígena novas questões que se relacionam e se contrapõe ao modo de vida Kaingang. O que se buscou investigar aqui foram principalmente as relações e os efeitos do emprego nos frigoríficos no que diz respeito às noções de trabalho, do qual se espera que seja voltado para a vida na aldeia e para aquilo que é considerado característico dos Kaingang atualmente; à alimentação, na medida em que a carne produzida nos frigoríficos é consumida pelos Kaingang ao mesmo tempo em que reafirma a maior qualidade das carnes de caça e criação; e aos animais, cujo modo de criação é fator determinante na qualidade da carne, o que, muitas vezes, não garante que os mais bem criados ou os mais naturais e “do mato” serão abatidos. Em vez disso, os animais que mais caracterizam o modo de vida Kaingang são eventualmente poupados para que uma carne de menor qualidade seja consumida em seu lugar.

Referências Bibliográficas

DIAS, Juliana. *O Rigor da Morte: a Construção Simbólica do “Animal de Açougue” na Produção Industrial Brasileira*. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

NACKE, Aneliese et al. *Os Kaingang no oeste catarinense: tradição e atualidade*. Chapecó: Argos, 2007.

OLIVEIRA, Philippe Hanna de Almeida. *Comida forte e Comida Fraca. Alimentação e Fabricação dos corpos entre os Kaingáng da Terra Indígena Xaçapocó (Santa Catarina, Brasil)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ONG REPORTER BRASIL. *Moendo Gente: A situação do trabalho nos frigoríficos*. 2013. Disponível em: http://reporterbrasil.org.br/wp-content/uploads/2015/02/16.-moendo_gente_final.pdf Acesso em 23/07/2015.

TOMMASINO, Kimiye; MOTA, Lúcio Tadeu & NOELLI, Francisco. *Novas contribuições aos estudos interdisciplinares Kaingang*. Londrina: EdUEL, 2004.

VEIGA, Juracilda. *Organização Social e Cosmovisão Kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação em uma Sociedade Jê Meridional*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Estadual de Campinas, 1994.

VIALLES, Noelie. *Animal to Edible*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.